

CIRCULARIDADE CULTURAL E MODERNIZAÇÃO DOS HÁBITOS: O MODELO CLUBÍSTICO DO *ATHLETIC CLUB*, EM SÃO JOÃO DEL-REI/MG (1909-1925)^{1*}

Euclides de Freitas Couto^{2**}

Sabrina Alves da Silva^{3***}

RESUMO

O artigo investiga a sociogênese e consolidação do modelo clubístico de futebol na cidade de São João del-Rei entre os anos de 1909 e 1925, por meio da análise da inserção social do Athletic Club. O exame de tal problemática partiu da percepção das influências da cultura urbana carioca na conformação das práticas sociais e do *habitus* esportivo nas cidades mineiras. Sob o prisma da circularidade dos bens simbólicos, o esporte é analisado no rol das transformações no modo de vida dessas cidades, buscando-se compreender a configuração do campo esportivo no Brasil ao longo das primeiras décadas do século XX. O corpus documental reuniu documentos oficiais como as atas de reuniões do Athletic Club e também os periódicos locais.

Palavras-chave: Futebol. Modernidade. São João del-Rei. Athletic Club.

ABSTRACT

This paper investigates the sociogenesis and consolidation of the soccer club model in the city of São João del-Rei between 1909 and 1925 through the analysis of the social insertion of the Athletic Club. This object of investigation was chosen based on the perception of the influences of Rio de Janeiro's urban culture on the formation of social practices and the sports habitus in cities and towns in the state of Minas Gerais. The impact of soccer on the way of life of these cities was analyzed from the viewpoint of the circulation of symbolic goods in an attempt to understand the configuration of the sports field in Brazil in the early 20th century. The documental corpus is comprised of official documents such as Athletic Club meeting minutes and local newspapers.

Keywords: Soccer. Modernity. São João del-Rei. Athletic Club.

1. Introdução

A nova historiografia que se desenvolve em torno dos estudos sobre o futebol tem frequentemente associado a ascensão do esporte no País, no início do século XX, ao paradigma da modernidade brasileira, especialmente por suas representações relacionadas à modernização das instituições e à incorporação dos hábitos europeus pelas elites cidadinas. As metamorfoses observadas tanto no cenário político das cidades, quanto nas práticas culturais assimiladas pela sociedade deram o tom dos novos tempos na jovem república brasileira (SEVCENKO, 1998). Na medida em que ganhava corpo, o aparato burocrático republicano e as cidades prosperavam

1 * Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG.

2 ** Doutor em História (UFMG). Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFSJ.

3 *** Mestranda em História (UFSJ).

economicamente, sofisticavam-se também as formas de associação voluntária, algumas delas utilizadas como instrumento de controle social pelas elites urbanas. Nesse sentido, boa parte das análises realizadas em torno do processo do desenvolvimento das práticas futebolísticas em diversas cidades brasileiras (MELO, 2010; PEREIRA, 2000; SANTOS NETO, 2002; SANTOS, 2010) revela que as primeiras associações voluntárias emergentes em torno do esporte espelharam seu modelo organizativo nos padrões do clubismo inglês. Se essa orientação indica, por um lado, o caráter elitista da introdução do futebol no Brasil, por outro, evidencia as estratégias de controle elaboradas pelas classes dominantes no sentido de restringir as competições de futebol a um círculo fechado de participantes.

Tais questões se constituíram em problemáticas centrais de inúmeras pesquisas que se dedicaram a investigar a dinâmica da filiação social às práticas esportivas de grandes cidades brasileiras ao longo das primeiras décadas do século XX. Analisaram-se diversas práticas esportivas e corporais que encamparam uma enorme gama de abordagens cujos resultados possibilitaram a ampliação do campo de entendimento e paralelamente o (re)descobrimto de novas perspectivas e possibilidades analíticas acerca dos *modos de vida* das cidades brasileiras. Inúmeros são os exemplos que podem ser mencionados, mas tendo em vista o eixo temático deste artigo, torna-se relevante destacar as contribuições de Ricardo Lucena (2001) e Victor Melo (2010). Em comum esses estudiosos avaliam a difusão das práticas esportivas no bojo das transformações socioculturais experimentadas no Rio de Janeiro, relacionando-as a um discurso modernizador que se inspirava nas utopias cosmopolitas incorporadas pelas elites locais. O ponto convergente entre o desenho teórico dessas pesquisas aponta para uma compreensão global que nos indica que a construção dos cenários físico e cultural carioca dialogava diretamente com os aspectos socioculturais da modernidade europeia.

Todavia, apesar do afloramento de uma diversidade de estudos centrados nas discussões em torno da cultura urbana carioca (LUCENA, 2001; MELO, 2010; PEREIRA, 2000), em se tratando de cidades do interior do país, a exemplo da cidade mineira de São João del-Rei, são escassas as pesquisas que incorporam a discussão do futebol no complexo conjunto de transformações socioculturais que influenciaram o *modus vivendi* das cidades brasileiras no início do século passado.

Ainda nos movendo nas condições sócio-históricas do surgimento do esporte, a constituição do fenômeno esportivo como elemento basilar na formação do escopo social moderno ganhou destaque em estudos que enfocam o futebol nas cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo (COUTO, 2003; PEREIRA, 2000; SANTOS NETO; 2002), situando-os no contexto de transformações que se desenvolveram no período denominado de *belle époque* brasileira (SEVCENKO, 1998). Em comum, os estudos mencionados evidenciam que o período embrionário do futebol nos principais centros do país obedece a uma lógica de modernização elitista, na medida em que sua disseminação se deu primordialmente pelos segmentos mais abastados da população, produzindo uma nova configuração na qual vão se produzindo os controles das relações inter-humanas, bem como o autocontrole dos indivíduos. Nos seus primeiros anos no Brasil, o futebol, difundido tanto pelos clubes quanto pelos colégios

privados, consistia em uma prática elegante e cosmopolita restrita a uma pequena parcela da população. No entanto, esse cenário se alterou de forma significativa, uma vez que a própria dinâmica das competições organizadas entre os “clubes da elite” favoreceu a entrada de jogadores dos segmentos menos favorecidos das cidades. O alargamento da base social do futebol contou também com a participação da imprensa e do rádio, que desempenharam papel fundamental na fomentação dos vínculos clubísticos e da associação passional à identidade nacional por meio da seleção brasileira (COUTO, 2014). Na década de 1930, o futebol já era considerado o esporte mais popular em cidades como o Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. As competições, integradas por clubes formados por jogadores dos círculos elitizados e também dos segmentos populares, atraíam públicos cada vez mais significativos que impulsionaram o florescimento das rivalidades locais e regionais, que até a atualidade permanecem no universo simbólico do futebol brasileiro.

Partindo dessa perspectiva, este artigo analisa a sociogênese e a consolidação do futebol na cidade de São João del-Rei entre os anos de 1909 e 1925, buscando perceber as influências da cultura urbana carioca na conformação das práticas sociais e do *habitus* esportivo nas cidades mineiras. Sob esse prisma, a investigação das práticas esportivas se insere no rol das transformações no modo de vida dessas cidades, processo que, por sua vez, desemboca na configuração do *campo esportivo*⁴ no Brasil ao longo das primeiras décadas do século XX. As pesquisas supracitadas demonstram que os ares modernos portadores do “impulso esportivo” encontraram na capital da República um solo fértil para sua disseminação, na medida em que as elites locais buscavam incorporar práticas sociais valorizadas por uma economia simbólica de matiz europeia. Sob a ótica elisiana, os novos modismos incorporados pelos cariocas são materializados em novos *habitus* sociais e no desenvolvimento de um amplo processo de individualização e refinamento das ações que se traduz, dentre outros aspectos, na esportivização dos passatempos (LUCENA, 2001).

Nas décadas de 1910/1920 a rejeição e discriminação de indivíduos pertencentes às classes populares no futebol carioca passou a ser questionada pelas atuações destacadas do Bangu (1906/1907) e das conquistas do Vasco em 1923/1924, agremiações que possuíam em seus quadros jogadores majoritariamente negros e mestiços (SILVA, 2006, p. 29). Em um processo irreversível, consolidado pela espetacularização e profissionalização do futebol na década de 1930, esses jogadores foram paulatinamente incorporados aos clubes “tradicionais” da cidade. Ademais, a ascensão de uma nova configuração da identidade nacional, articulada e disseminada aos quatro ventos pela estrutura varguista, possibilitou que o futebol fosse incorporado pelas massas trabalhadoras como símbolo principal da integração dos povos da “nova nação brasileira”.

4 O conceito de *campo*, amplamente difundido na obra do sociólogo Pierre Bourdieu, em linhas gerais, pode ser definido como um setor específico do universo social, historicamente produzido, no qual ocorre a definição de objetos específicos de disputas, por meio de uma lógica própria de funcionamento relativamente autônoma de outros campos sociais. Especificamente em relação ao campo esportivo, é possível afirmar que a sua constituição engendra uma variada gama de *habitus*, práticas e entidades que o organizam e que definem especificidades às práticas atléticas (BOURDIEU, 1983, 1990).

Nesse sentido, percorre-se a hipótese de que a fundação do primeiro clube de futebol de São João del-Rei, o *Athletico Club*, no ano de 1909, bem como o desenvolvimento das práticas esportivas sanjoanenses nos anos subsequentes, pode revelar a estreita ligação do universo simbólico das duas cidades materializada pela aquisição de práticas esportivas pelos moradores da cidade. O frequente contato da juventude são-joanense com o Rio de Janeiro, impulsionado especialmente pela necessidade da escolarização – prática incorporada pelas elites brasileiras no início do século XX – pode ter contribuído decisivamente para que a pequena elite da cidade mineira incorporasse os modismos recém-chegados da Europa e, conseqüentemente, experimentasse o desenvolvimento de uma nova configuração das relações sociais. Nota-se que o pertencimento ao ciclo de amizades que envolvia os jogadores e torcedores dos clubes de futebol vinculava-se a uma rede de sociabilidades que se estendia a diferentes espaços na cidade: campos de futebol, teatros, sedes sociais dos clubes. Nesse sentido, o futebol e o conjunto de atividades sociais que o envolviam se estabeleciam como símbolos da *high life* sanjoanense. Os novos padrões de comportamento corporal e as “inusitadas” formas de utilização dos espaços públicos permitiram que esse esporte se integrasse ao rol de atividades que deram novos contornos ao cotidiano da cidade no início do século XX.

Estudos acadêmicos, materiais produzidos por cronistas locais que tratam do futebol e os periódicos que circulavam em São João del-Rei no início do século XX se constituíram importantes fontes para esta pesquisa. Destacam-se, entre eles, os jornais *A Tribuna* e *Tem Tem*. Além desses periódicos, foram analisadas atas das reuniões dos associados do *Athletico Club* entre os anos de 1909 e 1925. Apesar de não se encontrarem disponíveis em sua sequência completa, foram peças determinantes para a compreensão da inserção do futebol no cotidiano dos moradores da cidade. Na análise desses documentos, buscou-se focar, simultaneamente, o olhar para as divergências entre os associados, seus interesses, as representações do poder e para as demais dimensões do incipiente associativismo clubista.

2. São João del-Rei no contexto da modernidade brasileira

A primeira ata do *Athletico Club*⁵ foi lavrada em junho de 1909, período no qual São João del-Rei era uma das maiores cidades de Minas Gerais, sob a área de influência do Rio de Janeiro, a então capital da República. A cidade vivia uma efervescente vida metropolitana e um grande mercado consumidor acessível aos sanjoanenses pelos trilhos da estrada de ferro Oeste de Minas. A “Princesa de Minas”, título que a cidade ostentava no início do século passado, possuía uma estrutura moderna para a época, biblioteca pública, água canalizada, iluminação elétrica, serviço de telégrafo, a ferrovia e o teatro municipal (BARROS, 2010, p. 6). A criação do *Athletico* pode ser considerada um ato de sintonia dos sanjoanenses com os ventos modernos que sopravam da Capital Federal, conforme evidencia as palavras de Ovidio Mourão, um importante cronista local:

⁵ Em 1913, o nome foi modificado para *Athletico Club*, quando seus associados vislumbravam que o clube poderia abrigar outras modalidades esportivas, conforme sinaliza o registro na reunião da diretoria na Acta da 1ª Sessão Extraordinária Inaugural do “Athletico Club” realizada no dia 10 de agosto de 1913, p. 1.

Felizmente o actual progresso em S. João d'El-Rey, tem se ampliado bastante. Aumentaram-se as bellas diversões, appareceram novos e magnificos jornaes, fabricas clubs, associações... religiosas e outras cousas mais, atenuando-se visivelmente o abominavel jogo que é a maior desgraça, que andava em profusão, na nossa cidade. Pelos derradeiros adiantamentos locaes ledamente louvo ao conspicuo e sollicito Presidente da Camara, que, embora arduamente, tem aplicado todos os esforços para alindar esta querida terra que tradicionalmente, é chamada "Princeza de Minas". (*Ephoca*, TEM TEM, 15 set. 1907, p. 2)

Considerados como atividade viciosa praticada por homens desocupados, os jogos de cartas eram rechaçados pela imprensa local, porta-voz "oficial" das instâncias de poder. Em contraposição, os *sports*, recém-chegados ao País, assumiam o significado de prática refinada e de função higiênica, por esse motivo, merecia destaque e elogios dos cronistas:

Como noticiamos, em nosso passado numero, realisou o Athletic Club uma festa, no seu *ground* em Matosinhos, comemorativa do seu segundo anno de existência. Temos como causa de nosso dever animar e prestar todo apoio possível á sociedades que tenham por escopo o desenvolvimento physico da mocidade, sabedores como somos dos resultados que advirão do cultivo dos sports: fortalece o organismo e cria uma raça de fortes, de cidadãos uteis a patria e á sociedade. [...] (A TRIBUNA, n. 200, 29 ago. 1915, s.p.)

Sintonizado ao discurso higienista, que ganhava corpo entre a intelectualidade brasileira, o caráter utilitarista atribuído aos "*sports*" alimentava a criação de associações esportivas nas principais cidades do País. No Rio de Janeiro, o historiador Leonardo Pereira (2000), ao investigar os periódicos circulantes na época, encontrou indícios de que o futebol assumiu a primazia entre as diversas modalidades que despontavam na cidade. Para boa parte da intelectualidade carioca, ao reunir atributos como espírito de disciplina, decisão iniciativa, solidariedade e abnegação, o futebol, para além do desenvolvimento físico dos corpos, aguçava as capacidades intelectuais dos seus praticantes. Tais características que credenciavam o futebol como o mais salutar dos "*sports*", também legitimavam o apoio da imprensa e dos poderes públicos, indispensáveis ao processo da sua difusão (PEREIRA, 2000, p. 52).

No bojo desses acontecimentos, a estreita ligação do universo simbólico de São João del-Rei e do Rio de Janeiro foi materializada na aquisição de práticas cosmopolitas e requintadas pelos sanjoanenses, entre as quais o futebol assumiu grande destaque. Em virtude da necessidade de escolarização, prática assimilada pela elite mineira, a juventude da cidade estava em frequente contato com o Rio de Janeiro. A circularidade de bens culturais promovida pelos intensos contatos entre mineiros e cariocas contribuiu para que a elite local incorporasse os modismos recém-chegados da Europa, que desembarcavam no porto carioca. Segundo o cronista Astrogildo Assis (1985), em 1907, quando estudantes sanjoanenses retornaram do Rio de Janeiro trouxeram para a cidade as primeiras bolas feitas de pneu, quando também foram organizadas as primeiras partidas na cidade.

O exemplo dessa sintonia entre as cidades pode ser percebido na história de vida de Joaquim Martins Ferreira, sanjoanense, goleiro da seleção brasileira de futebol de 1916. Ao

iniciar seus estudos de medicina no Rio de Janeiro, ingressou no América Futebol Clube. Após sua formatura, em 1916, retornou a São João del-Rei, assumindo o gol do *Athletic* e, em seguida, a presidência do clube (GUILHERME, 2006).

Outros exemplos da circularidade cultural entre as cidades podem ser observados tanto na análise dos periódicos quanto na leitura das atas oficiais do *Athletic*. É possível notar não só nas crônicas veiculadas pelo periódico *A Tribuna*, mas também nas atas do *Athletic* a incrível admiração da elite sanjoanense pelo Rio de Janeiro. Exemplo ilustrativo dessa “admiração” foi uma notícia veiculada pelo jornal *A Tribuna*: atribuindo à matéria a qualidade de um grande “furo de reportagem”, o periódico noticiava o fato de que já se conhecia na cidade do Rio de Janeiro o lugar onde seria erguido o Cristo Redentor,⁶ cuja solenidade de inauguração contaria com discursos de autoridades e espetáculo promovido por uma banda de música (Cf. A TRIBUNA, 10 out. 1915, s.p.).

Outro indício da circularidade de informações e bens simbólicos entre as duas cidades pode ser percebido por meio da análise do conjunto de atas das reuniões dos associados do *Athletic Club*: após a realização das eleições para a diretoria do clube sanjoanense, era um fato recorrente o envio de ofícios aos clubes cariocas, especialmente ao Fluminense e ao Botafogo, cujos conteúdos informavam as alterações na estrutura administrativa do clube. Além de revelar o desejo de sintonia com o modelo clubístico carioca, essa estratégia revela a necessidade de autoafirmação dos sanjoanenses no cenário esportivo regional, uma vez que os clubes cariocas, além de fornecerem o modelo de organização a ser seguido, foram, por diversas vezes, convidados a jogar na cidade de São João del-Rei. Esses jogos despertavam grande interesse dos moradores e se constituíam como um grande evento social na cidade, pois além da atividade esportiva as famílias, dirigentes e jogadores se reuniam para almoços, jantares e bailes (*Athletic Club*, LIVRO DE ACTAS n. 3, 22 jul. 1918, p. 12).

O repertório de atividades sociais que envolvia um jogo de futebol revela os significados e sentidos que a prática esportiva despertava nos agentes, como pode ser percebido na descrição de uma das excursões da “embaixada” do *Athletic* realizada na cidade de Barbacena:

[...] usou da palavra o 1º vice presidente Snr. Jose Antonio de Carvalho, chefe da embaixada e comunicou ter dado conta da missão a ele confiada, dizendo ter corrido na melhor ordem possível a visita a Barbacena, que a mesma tomou em Campolido os automoveis postos a sua disposição pela directoria do “Olympic” e que chegara a Barbacena foi recebido pela referida directoria do club amigo que o hospedou no Grande Hotel; depois de pequeno descanso foi servido lauto almoço, findo o qual sempre o acompanhava dos membros da mesma agremiação, visitou os principais pontos da cidade; às 16 ½ horas teve inicio o encontro dos dois clubs, cabendo ao nosso a victoria pelo score de 2X1. Terminado o match às 18 horas, voltou a Embaixada ao Grande Hotel, onde lhe foi servido um opiparo banquete no qual os jogadores olympicanos reinando a maior cordialidade; orou o presidente do “Olympic” pondo em destaque com palavras elogiosas [...] o team do Athletic, enaltecendo suas qualidades desportivas, technicas e a disciplina com que disputou o match [...]. (*Athletic Club*, LIVRO DE ACTAS n. 3, 15 set. 1918, p. 64)

6 Embora os boatos em torno da inauguração da estátua do Cristo Redentor se remontassem ano de 1915, sua construção só se iniciou em 1922 e, somente em 1931, a estátua foi inaugurada.

A transcrição do trecho da ata de reunião dos associados do *Athletic* revela o clima de confraternização e de cordialidade existente entre os participantes do encontro clubístico. Para além de se constituir como um evento esportivo, elemento central da sociabilidade clubística, o conjunto de eventos como os almoços, os jantares e os passeios demonstram que o futebol se delineava, desde sua introdução, como um evento social repleto de significados afetivos e sociais partilhados entre seus praticantes e demais pessoas envolvidas. À luz da comunhão entre a elite das cidades mineiras, o futebol ia se desenvolvendo como um esporte nobre e higienicamente útil ao desenvolvimento da sociedade.

3. O futebol e seus significados na sociedade sanjoanense

Nos primeiros anos da sua introdução no País, o futebol era praticado quase que exclusivamente pelas elites urbanas como modismo importado, difundido tanto pelos clubes quanto pelos colégios privados (COUTO, 2003; MELO, 2010; SANTOS NETO, 2002). Sua prática representava um aspecto da elegância cosmopolita, restringindo-se a uma pequena parcela da população. O ciclo de amizades que envolvia os diretores, jogadores e torcedores dos clubes de futebol estava vinculado a uma rede de sociabilidade que se estendia a outros lugares, por exemplo, redações de periódicos, partidos políticos, clubes de teatro, clubes carnavalescos etc. Assim, o futebol e as atividades sociais relacionadas a ele podem ser considerados símbolos de distinção social da elite sanjoanense, na medida em que produziam certo *habitus*, ou seja, um conjunto de práticas, comportamentos, maneiras de ser e agir que distinguem os grupos sociais (BOURDIEU, 1990).

No Brasil, assim como na Europa, as práticas esportivas assumiram uma dimensão considerável na vida social das cidades. Em grande parte dos núcleos urbanos, ao mesmo tempo em que as elites tentaram impor seus símbolos culturais, sob a retórica higienista que preconizava o esporte como prática adequada às camadas populares, essas últimas reelaboraram os significados dessa imposição. As funções moral e higiênica do esporte funcionaram, simultaneamente, como válvula de escape e facilitador da incorporação de normas sociais. O lazer e o esporte possuem, nessa ótica, uma função utilitarista, pois a tensão buscada nessas atividades é agradável e, paralelamente, “quebra a rotina”, produzindo espaços e tempos em que se promove o “descontrole controlado”, de maneira a adequar os indivíduos ao controle temporal e espacial das suas emoções (ELIAS; DUNNING, 1992).

O futebol moderno surgiu na Inglaterra no auge do desenvolvimento capitalista, no final do século XIX. Dessa forma, sua essência está imbricada, essencialmente, aos valores preconizados pela emergente sociedade industrial: competitividade, regras, produtividade e resultados. Os clubes, formados por agentes detentores de capital econômico, se tornaram, rapidamente, disseminadores do capital cultural da classe dominante, agregando-lhes valor perante a sociedade e incrementando mecanismos de hierarquia entre as classes sociais. Como os clubes eram dirigidos por membros das classes dominantes, é compreensível que eles formassem estratégias para ampliar seus poderes. Tanto na Inglaterra quanto em

várias cidades brasileiras, a conformação de ligas e associações, a unificação das regras e a organização de competições são exemplos notáveis da ampliação dos mecanismos de poder, já que as atividades esportivas foram espetacularizadas, atraindo maiores contingentes de público e alcançando maior visibilidade pela imprensa (HOBSBAWM, 1988).

Em São João del-Rei, a introdução do futebol assumiu representações ambíguas na imprensa local. As “peladas” ou brincadeiras improvisadas, que tinham sua essência no jogo de bola, pareciam causar grandes distúrbios na vida pacata dos moradores, como ilustra a denúncia feita por um dos jornais locais:

Continua em franco progresso o jogo de “foot-ball” em plena rua, na cidade, quebrando vidros e levantando uma poeira horrível que muito incomoda os moradores dos logares preferidos para esse sport. É tão grande o nosso desejo de atendermos às pessoas que nos solicitaram providencias nesse sentido, que até procuramos, pessoalmente, para esse fim, uma autoridade municipal, que nos declarou competir á Camara providenciar sobre esse facto, mas sim á Policia. Fallamos ao dr. Delegado de Policia desta cidade sobre o mesmo assumpto. Essa autoridade nos declarou que as providencias neste caso cabem exclusivamente á Camara. Enquanto isso, senhores jogadores de “foot-ball” podem quebrar á vontade as vidraças e levantar nuvens de poeira. Nada lhes acontecerá. (*Pela cidade*, A TRIBUNA, n. 41, 18 out. 1914, s.p.)

Praticado de maneira improvisada no espaço público, a novidade parecia incomodar a tranquilidade dos habitantes. Embora fosse reconhecido como um instrumento a serviço da “higiene física e moral” da juventude, um hábito a ser imitado do “mundo civilizado”, o futebol deveria se adequar à rotina e às normas da cidade, conforme indica o cronista do mesmo periódico citado anteriormente:

Foot-bal [sic], todo o mundo o sabe, é uma das fórmulas mais interessantes do sport. Chega ser alem disso uma necessidade para a educação physica dos nossos rapazes. Mas para isso deve ser jogado em determinados locaes e de acordo com as regras que obedece. Todos nós devemos louvar e aplaudir o desenvolvimento que nesta cidade vae tomando este útil sport, o que ninguém deve louvar e aplaudir é o abuso que se dá aqui do jogo de foot-ball em plena rua, em qualquer praça, quando há logares apropriados para este mister. Temos reclamado em vão e continuaremos a cumprir nosso dever. (*Pela cidade*, A TRIBUNA, n. 61, 19 nov. 1914, s.p.)

Assumindo os contornos de um modismo europeu, sintonizado aos padrões físicos dos novos tempos, uma espécie de credencial de distinção para os rapazes da burguesia, o futebol logo ganhou apoio dos intelectuais e da imprensa local. O modelo clubístico, inspirado na organização dos clubes ingleses e copiados naqueles criados no Rio de Janeiro⁷ se mostrou o mais adequado à burguesia sanjoanense. Nesse aspecto, o *Athletic Football Club*, fundado em 1909, obedeceu aos mesmos princípios normativos dos clubes criados pela elite carioca: os nomes dos novos associados deveriam ser indicados previamente para sua aprovação em assembleia; os novos associados deveriam adquirir a joia e, também, pagar mensalidade. Essas estratégias visavam garantir não apenas a vitalidade financeira do clube, mas também

⁷ Na cidade do Rio de Janeiro, o modelo clubista inglês foi adotado tanto nos clubes da elite, como no Fluminense e Botafogo, quanto nas centenas de clubes suburbanos que foram fundados nas duas primeiras décadas do século XX. Sobre essa questão, ver os estudos de Leonardo Pereira (2000) e Santos (2010).

torná-lo um espaço social da distinção. Os cargos da diretoria administrativa como presidente, tesoureiro, vice-presidente e também as atribuições relativas ao futebol, como “*captain*”, respeitavam os padrões hierárquicos do clubismo inglês. A propósito, a própria grafia do nome “Athletic Football Club”, evidencia a filiação cultural que seus associados, deliberadamente, buscavam ostentar.

A análise da origem social dos presidentes do *Athletic Football Club* entre os anos de 1909 e 1925 é reveladora sobre a predominância das classes dominantes na organização clubística do futebol da cidade. Desde sua fundação em 1909 até 1925 foram treze presidentes: Omar Telles, capitalista; Paulo de Castro Monteiro, Funcionário Público; Alceste de Freitas Coutinho, Médico; Joaquim Martins Ferreira, Médico (que não chegou a tomar posse, em seu lugar ficou o vice presidente Sr. Vicente Guerra, capitalista); Luiz Augusto de Lima Cirne, Chefe de Divisão da Rede; Francisco Mourão Filho, Médico; Antônio Vieira de Castro, Advogado; Vicente Guerra, Capitalista; José Antônio de Carvalho, Farmacêutico; José de Assis Sobrinho, Comerciante; Joaquim Furtado Portugal, Guarda de Livro. Em uma época em que a escolarização era um símbolo de distinção, uma vez que grande parcela da população era analfabeta, o *Athletic* contava com a elite composta por, letrados, médicos, comerciantes, pessoas influentes que já se ocupavam posições de destaque na hierarquia social. Tanto os jogos quanto as atividades sociais, como os bailes e festas beneficentes, eram frequentados por políticos, donos de casas de comércio, industriais, jornalistas, médicos e advogados.

A introdução do futebol e dos esportes de uma forma geral no Brasil aconteceu em um momento cercado pela introdução de outros hábitos e costumes importados de terras europeias. A extrema valorização dos hábitos estrangeiros pelos grupos abastados e a vinculação do esporte à saúde simbolizavam aspectos do desenvolvimento do mundo civilizado. Nesse sentido, os clubes se constituíram em espaços de distinção social, tanto por propiciarem atividades restritas como por selecionar seus associados. A venda das joias,⁸ a cobrança de taxas e mensalidades aos associados se constituía como uma estratégia de seleção social dos seus membros. No caso do *Athletic Club*, a associação ao clube só se concretizava com o pagamento obrigatório da joia, ou seja, de um título de associação. Além do pagamento da joia, para se associar o candidato deveria ser apresentado por um associado em uma assembleia geral e ser aprovado por ela (Cf. *Athletic Club*, Livro de Actas n. 3, 19 abr., 1922, p. 80; n. 3, 23, ago. 1922, p. 84). Nos anos iniciais após sua fundação, o *Athletic* possuía cinco modalidades de sócios: a) sócios-frequentadores que pagavam semestralmente a quantia de 25\$000; b) sócios-torcedores que pagavam semestralmente a quantia de 10\$000; c. sócios-frequentadores que pagavam mensalmente a quantia de 5\$000; d. sócios-torcedores que pagavam mensalmente a quantia de 2\$000; sócios honorários e benfeitores que estavam isentos de pagamento. Se por um lado a variedade de modalidades permitia a flexibilização do perfil econômico e pessoal do associado, já que possibilitava a participação daqueles que ambicionavam torcer e participar da vida social do clube, por outro lado garantia a filiação social dos associados. Embora o preço da joia e das

⁸ A joia configura-se como um título de propriedade do clube, das mensalidades do Athletic com as do Fluminense no Rio de Janeiro

mensalidades não se constituíssem como o principal fator de exclusão das camadas populares ao clube, uma vez que o salário médio de um servente das ferrovias no País era de 150\$000,⁹ a indicação dos associados pelos seus pares garantia a adesão de indivíduos circunscritos a um pequeno círculo social que se fechava em torno do clubismo.

O emprego dessa estratégia visava, obviamente, selecionar a entrada de novos associados, corroborando a tese de que o modelo clubista adotado pelas elites na difusão do esporte no país visava, em última instância, ao controle social das práticas esportivas.

De igual modo, outro elemento revelador do caráter elitista do *Athletic Club* pode ser observado na análise dos locais onde ocorriam as reuniões da diretoria. Verifica-se que no ano de 1913 algumas reuniões da diretoria aconteceram do Teatro Municipal. Outros encontros, até meados do ano de 1917, realizavam-se no Paço Municipal, em um salão no segundo andar da Prefeitura Municipal (Cf. *Athletic Club*, Livro de Actas n. 2, 19 de jan. 1917, p. 71). Em algumas atas é omitido os locais da reunião, outras acontecem em residências de diretores (Cf. *Athletic Club*, Livro de Actas n. 3, 29 de jun. 1918, p. 12-13). A partir de julho de 1917 as reuniões passaram a ser realizadas na sede social do clube. O acesso da diretoria da recém-criada agremiação esportiva a locais públicos que simbolizavam o poder e a erudição demonstra que seus membros gozavam de amplo prestígio social. Afinados com as “instâncias do poder”, os membros do *Athletic Club* sempre contaram com o apoio dos poderes locais para a realização dos eventos esportivos e sociais.

4. Poder e prestígio: representações do associativismo clubista no Athletic Club

Entre os anos de 1913 e 1925, as atas das reuniões da diretoria do *Athletic Club* revelam inúmeras disputas internas por prestígio e poder. Algumas reuniões não aconteciam em função do número insuficiente de membros. Outras, de maior importância, realizadas para a eleição da diretoria ou para a tomada de decisões de caráter urgente, contavam com grande presença dos associados. Na lavragem das atas, a explicitação das acusações e discussões, fica claro a existência de grupos que mantiveram oposições ideológicas em torno dos interesses do clube.

Essa oposição é evidenciada principalmente quando em 16 de março de 1917 Joaquim Martins Ferreira retorna do Rio de Janeiro. Recém-formado em medicina e ex-jogador do América da Capital Federal, ao retornar a São João del-Rei foi recebido com festa pelos diretores do *Athletic*, e principalmente pelo então presidente do clube, Sr. Alceste de Freitas Coutinho, que lança em ata uma menção de louvor ao retorno do “Doutor” ao clube (Cf. *Athletic Club*, Livro de Actas n. 2, 16 de mar. 1917, p. 39). A leitura das atas evidencia que a cada reunião realizada pela diretoria o Dr. Joaquim passou a tomar para si responsabilidades com a vida do clube como, por exemplo, a elaboração do estatuto. Dessa forma, constituindo-se como uma nova liderança, o Dr. Joaquim passou a agregar a simpatia daqueles dirigentes descontentes com a gestão do Sr. Alceste. Na reunião realizada no dia 27 de abril de 1917, o então presidente

9 Cf. BRASIL. Presidência da República. Decreto Nº 15.674, de 7 de setembro de - CLBR de 31.12.1922. Disponível em: <<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/23/1922/15674.htm>>.

Alceste pediu demissão do cargo por ter o Dr. Joaquim Martins Ferreira marcado um jogo contra o América do Rio de Janeiro sem o seu conhecimento.

As 19:30 horas o Sr. Presidente declarou aberta a sessão. O mesmo Sr. Antes da iniciação dos trabalhos, começa a expor a sua conducta na Presidencia, desde que tomou posse do cargo a convite de alguns sócios; queixando-se ao mesmo tempo de ter sido convidado para vir a esta cidade o “America Foot-ball Club” sem que tivesse sido consultado a tal respeito, tendo havido no entanto troca de correspondência, o Dr. Joaquim Martins Ferreira aparteando diz que esta correspondencia fora trocada particularmente. Continuando o Sr. Presidente disse que só tivera sciencia deste convite por intermedio do Sr. Vice-Presidente, declarando que achava isso uma desconsideração com sua pessoa, e que em vista de tal facto pedia a sua demissão do cargo que até então ocupava (*Athletic Club*, LIVRO DE ACTAS n. 2, 27 de abr. de 1917, p. 83).

Em solidariedade ao Sr. Alceste, outros três associados se demitiram imediatamente, revelando a existência de pelo menos dois grupos que se digladiavam pelo poder na diretoria da agremiação. No mesmo dia da demissão do Sr. Alceste e do seu grupo, o restante da diretoria discutiu os gastos com a vinda do América (Cf. *Athletic Club*, Livro de Actas n. 2, 27 de abril de 1917, p. 83). Após o pedido de demissão do cargo de presidente do *Athletic Club*, no dia 27 de abril de 1917, o Sr. Alceste, assim como o Sr. Orestes Parizzi, se integraram ao quadro de associados do Minas *Foot Ball Club*, agremiação que se constituía como a maior rival do alvinegro no cenário esportivo local. Enquanto no *Athletic* o Dr. Joaquim Martins Ferreira adquiria grande ascensão na política interna do clube, o que pode ser demonstrado pela sua eleição para a presidência no dia 7 de maio de 1917¹⁰ (Cf. *Athletic Club*, Livro de Actas n. 2, 7 maio 1917, p. 86), no final daquele ano, no Minas, o Sr. Alceste, ex-presidente do *Athletic*, seria eleito o novo presidente do clube.

A análise dos diálogos transcritos nas atas do clube revela também que as disputas políticas internas na diretoria contribuía para que os mandatos dos cargos dificilmente fossem cumpridos até o final do seu prazo. A maioria de seus presidentes, vice-presidentes e secretários pediram demissão antes do final do mandato. É importante salientar que algumas demissões não foram concedidas pela diretoria. Muitos diretores que se demitiam dos seus respectivos cargos, continuavam a fazer parte da diretoria do clube. Esse fato nos sugere que a demissão pode representar alguma artimanha utilizada no complexo jogo de poder que se deflagrava no interior da vida política das agremiações esportivas.

5. Considerações finais

É consensual na historiografia brasileira que a transição dos séculos XIX e XX foi marcada pela transformação nos hábitos individuais e coletivos das principais cidades do País. O gradual processo de urbanização que percorreu de forma heterogênea o território brasileiro foi acompanhado, simultaneamente, pela introdução de novas formas práticas sociais, nas quais o lazer e o esporte, indelevelmente, foram incorporados à cena urbana.

10 As informações colhidas nas atas revelam que o Dr. Joaquim Martins Ferreira não tomou posse no cargo, o que levou o seu vice, Sr. Vicente Guerra, a assumir a presidência do *Athletic Club*, em maio de 1917.

Nos primeiros anos do século passado, em São João del-Rei, cidade mineira detentora de uma imponente paisagem barroca, a arquitetura se materializava simbolicamente como um ícone da tradição e da religiosidade, moldando a moralidade e os costumes de uma sociedade, majoritariamente, católica e tradicional. No entanto, os ventos modernos soprados da Bahia de Guanabara parecem ter atravessado as barreiras geográficas e simbólicas, trazendo consigo os novos hábitos que, conflituosamente, se incorporaram ao *modus vivendis* da cidade. Da mesma maneira que os espetáculos teatrais, os eventos futebolísticos assumiram centralidade no cotidiano das classes abastadas, imiscuindo-se no espaço público e conformando redes de sociabilidades e afetividades entre jogadores e torcedores.

O cotejamento aos periódicos e às atas de reunião dos associados do *Athletic Club* permite constatar a existência de fortes indícios de que a introdução do futebol em São João del-Rei ocorreu com a fundação do *Athletic Club*, evidenciando, sob esse aspecto, a presença marcante do futebol na cidade ao longo do século XX. A análise dos primeiros anos de consolidação da novidade esportiva do futebol na cidade revela sua especificidade em comparação com as experiências relatadas por outras pesquisas em diferentes regiões do País.

Nesse sentido, vale ressaltar que os pioneiros do futebol local eram brasileiros e residentes no município, ou seja, não possuíam a distinção social daqueles estudantes estrangeiros ou dos brasileiros que viveram na Europa, a exemplo dos precursores do futebol em cidades como o Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. A influência estrangeira parece ter sido apenas indireta por meio da circulação de informações pela imprensa e pelos trilhos da ferrovia que ligava São João del-Rei ao Rio de Janeiro, capital federal e metrópole irradiadora de símbolos da modernidade. A participação estudantil na difusão local do esporte é evidente apenas com o atuante associado do *Athletic Club*, Joaquim Martins Ferreira, estudante de medicina no Rio, onde, posteriormente, se tornou goleiro do *America Foot-Ball Club*, agremiação daquela cidade.

Por outro lado, a adesão dos fundadores do *Athletic* ao modelo clubístico de inspiração inglesa demonstra a afinidade da elite sanjoanense ao novo modismo que se espalhava pela capital federal. Ao se adentrar radicalmente no âmbito da sociabilidade clubística, percebe-se o refinamento dos hábitos, das formas de comportamento e de racionalidade, moldadas pela estética europeia de inspiração higienista. As confraternizações, reuniões e demais práticas “civilizadas” que envolviam o clubismo, forneciam um leque variado de *habitus* e disposições aos seus participantes, que inconscientemente incorporavam as maneiras de ser e de agir que, ao fim e ao cabo, os distinguiu entre os demais grupos na economia simbólica da cidade.

Por fim, vale ressaltar que os elementos da cultura urbana de São João del-Rei a tornavam receptiva ao consumo de entretenimento em geral, no qual lazer e esporte se confundiam: industrialização nascente, quantidade de habitantes, ligações com uma metrópole dinâmica, infraestrutura urbana, intenso associativismo religioso e laico. Acompanhando uma tendência que se disseminava em outros centros urbanos, os sanjoanenses incorporaram as novidades esportivas, inserindo-se num processo de ampla transformação dos costumes e das práticas corporais que caracterizou a modernidade brasileira nas primeiras décadas do século passado.

Referências

- ASSIS, Astrogildo. *Historiando o Esquadrão de Aço*. São João del-Rei/MG: [s.n.], 1985.
- BARROS, Aluizio Antônio de. Futebol e Modernidade no Interior do Brasil: O *Athletic Club* de São João del-Rei, 1909 – 2009. *Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio “Memória e Patrimônio”*. Rio de Janeiro, jul. 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser esportivo. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. Niterói/RJ: Editora da UFF, 2014.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- GUILHERME, Paulo. *Goleiros: heróis e anti-heróis da camisa 1*. São Paulo: Alameda, 2006.
- HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*, 7. ed. Trad. Sieni Maria Campos, Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- MELO, Victor Andrade de. Esporte, cidade e modernidade: Rio de Janeiro. In: MELO, Victor de Andrade (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri/FAPERJ, 2010.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RODRIGUES, Marilita A. Arantes. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. 2006. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 2006.
- SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado em História econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2010.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo:



Cosac & Naify, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: técnicas ritos e ritmos do Rio. In: NOVAIS, Fernando (Coord.). *História da vida privada no Brasil*. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Futebol: uma paixão coletiva. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Org.). *Memória social dos esportes – Futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. v. II. Rio de Janeiro: MAUAD/FAPERJ, 2006.

Periódicos

A Tribuna. São João del-Rei, 1914-1915.

Tem Tem. São João del-Rei, 1907.